



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Nova antologia das Dramaturgas

Lançado em 2022, a antologia *Liberdade* é o segundo volume de textos dramáticos que o coletivo As Dramaturgas concretiza. Seu primeiro projeto ocorreu em 2018, através da Editora da Pucrs, e alcançou inclusive premiação nacional. Eram treze volumes de bolso trazendo, cada um, dois ou um único texto de cada autora. Neste novo encontro, coordenado por Patrícia Silveira, concretiza-se em um só volume, através da editora Concha, da cidade de Rio Grande.

O livro traz textos de Carina Corá (*Re-sonhar*), Dedé Ribeiro (*Segurança máxima*), Elisa Lucas (*Acordei aposentada*), Fernanda Moreno (*... me atrevo*), Jéssica Barbosa (*Gás*), Lourdes Kaufmann (*Depois de tudo!*), Natasha Centenaro (*Paisagem com cactos*), Patsy Cecato (*Graças e mãos sujas*), Stella Bento (*Paralelas e transversais*), Viviane Juguero (*As teias de Anhara*), além da própria Patrícia Silveira (*Galeria Cassandra*), dramaturgas que já haviam divulgado seus textos na coleção anterior, além de Dedy Ricardo (*Eu não sou macaco!*), Jéssica Lúcia (*Fica conosco, senhor, já se faz tarde*), Silvana Rodrigues (*Esconderijo*) e Virginia Schabbach (*No antes, naquele dia e agora - Invisível*), que se reuniram às colegas do volume anterior. Cada uma, como destaca Patrícia Silveira, na apresentação da obra, com suas estéticas, preocupações temáticas e definições estilísticas. Neste sentido, elas não formam um grupo: aliás, o fato de insistirem em se identificarem enquanto coletivo evidencia bem isso. O que as identifica é o fato de serem mulheres que escrevem para teatro e pretendem ocupar seu próprio espaço nestes palcos.

Temos textos que seguem a carpintaria tradicional da peça dramática, como o sensível *Re-Sonhar*, de Carina Corá, o tenso *Fica conosco, Senhor, já se faz tarde*, de Jéssica Lúcia ou o divertido *Depois de tudo!*, de Lourdes Kauffmann.

Mas há os chamados textos de combate, como *Eu não sou macaco!*, de Dedy Ricardo, *Galeria Cassandra*, de Patrícia Silveira, ou *Paralelas e transversais*, de Stella Bento.

Encontramos, ainda, textos nitida-

mente experimentais, que poderíamos filiar ao grupo da chamada dramaturgia pós-moderna, como *...me atrevo*, de Fernanda Moreno, *Gás*, de Jéssica Barbosa ou *Paisagem com cactos*, de Natasha Centenaro.

Não faltam também os textos divertidos e leves, como *Acordei aposentada*, de Elisa Lucas, ou anti-dramáticas, como *Graças e mãos sujas*, de Patsy Cecato, ou, ainda, quase rituais, como *As teias de Anhara*, de Viviane Juguero.

O fato de as escritoras serem militantes de alguns princípios, como exigirem espaços respeitosos para as suas produções e reconhecimento pelas mesmas, não significa que todos os textos estejam vinculados a temáticas feministas. Boa parte deles o são, mas há outros que discutem outros aspectos da realidade brasileira, como os preconceitos raciais. Alguns falam sobre o etarismo, e assim por diante. O que chama a atenção, aliás, justamente, é a variedade e amplitude de temas que surgem nestes trabalhos, evidenciando um horizonte múltiplo e absolutamente contemporâneo, a valorizar ainda mais as contribuições destas autoras.

Outro dado a destacar, e devidamente registrado na introdução da obra, é o fato de vários destes textos já terem sido montados, ou seja, transformados em espetáculo, ou receberem leituras dramáticas: afinal, só quando a palavra escrita se transforma na palavra falada é que saímos, de fato, do campo da Literatura para o do Teatro.

Da leitura do volume, saio com uma convicção: não é por falta de qualidade dos textos que eles não serão montados. Portanto, diretores e produtores à procura de inspiração para novas realizações, eis uma bela oportunidade. Se combinamos isso com o lançamento de editais que tem sendo realizado pela Sedac, podemos unir o útil como agradável: proporcionar o conhecimento de novos textos e de novos autores (no caso, autoras), com a oportunidade concreta de se dispor de espaços para a apresentação do espetáculo e, até mesmo, para os seus ensaios.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Documentários

A Holanda, cujas autoridades pedem que seja usado o nome oficial de Países Baixos, tem uma longa história relacionada aos esforços para que grandes espaços de seu território sejam protegidos da força do mar. A vitória conquistada em tal batalha, possibilitada pela pesquisa e sua utilização de forma racional, foi bastante documentada pelo cinema em diversos registros.

O mais famoso deles é aquele que Joris Ivens (1898-1989) realizou no documentário *Zuidersee*, cujos trabalhos foram realizados entre 1930 e 1934 e tiveram origem numa série de filmes encomendados por um sindicato de trabalhadores, depois utilizados pelo cineasta. O filme, que registra a tomada de um novo território conquistado no mar, é hoje um dos clássicos do gênero. Ele foi exibido pelo Clube de Cinema de Porto Alegre no mês de janeiro de 1961, num ciclo dedicado ao cinema daquele país, realizado no auditório da Faculdade de Arquitetura.

Joris Ivens é um dos mais importantes nomes do documentário cinematográfico. Depois dos filmes que registraram o trabalho de trabalhadores anônimos em um projeto de avanços e também de segurança para uma nação, Ivens se tornou uma espécie de testemunha de lutas anticolonialistas. Ele também documentou a guerra civil espanhola, entre 1936 e 1939, no documentário *Terra Espanhola*, em 1937 e cuja narração foi feita por Ernest Hemingway. E também documentou a luta pela independência da Indonésia em um filme realizado em 1946 e intitulado *Indonesiá Calling*. Para o célebre *Zuidersee* o compositor Hans Eisler escreveu a música.

Um outro grande momento do documentário é *Noite e nevoeiro*, realizado em 1956 por Alain Resnais, utilizando registros feitos durante o julgamento de nazistas, depois da Segunda Guerra Mundial. O filme, que chegou a ser proibido na República Federal da Alemanha e depois liberado e exibido em todos os cinemas por decisão do governo, após túmulos judeus serem profanados, tem as imagens editadas sobre um texto de Jean Cayrol. Esse encontro de Cinema e Literatura foi o

impulso determinante na filmografia de Resnais. Outro foi o documentário, terreno onde o diretor deixou também sua marca registrando imagens da biblioteca francesa e também de exemplos da arte africana.

No prólogo antológico de *Hiroshima, meu amor*, as duas tendências se encontram, numa inigualável abertura que dificilmente será esquecida por qualquer um que a assista pela primeira vez. O filme, por sinal, tem clara estrutura operística, com árias, corais e duetos. Resnais, portanto, deixou em duas obras-primas registros definitivos sobre duas manifestações da violência a que o ser humano é capaz. Na verdade, três, porque o filme também documenta as humilhações sofridas por jovens francesas que tiveram ligações com soldados alemães. Este tema foi praticamente ignorado por parte da crítica, que não viu ou preferiu ignorar o passado da protagonista do filme, que de certa forma vivencia um episódio repetido na ligação com arquiteto japonês. E *Noite e nevoeiro*, por ressaltar antes de tudo uma agressividade que se espalha e cujas origens são geralmente ignoradas, é um filme que faz o ser humano contemplar uma imagem quase sempre encoberta.

Robert Flaherty (1884-1951) foi um documentarista que privilegiou a luta humana pela sobrevivência. Muitos consideram *O Homem de Aram*, realizado pelo cineasta no ano de 1934, o maior filme do gênero. Flaherty sempre dedicou seus filmes à luta do ser humano pela sobrevivência. Na obra citada e em tantas outras, ele reconstituiu o cotidiano de uma família e deixou registradas imagens poderosas. Entre elas, a sequência na qual um menino, à beira de um verdadeiro precipício, pesca com a utilização de uma linha de grande extensão. Tal cena resume uma obra e uma visão de mundo. O combate eterno pela sobrevivência e os riscos dela decorrentes. Este e outros momentos do filme são exemplos de um cinema voltado para a ação destinada a exaltar, sem a utilização de qualquer artifício, o processo destinado a mostrar o perigo de um abismo incapaz de deter a ação humana.